

A INVALIDEZ DO OPERÁRIO

Continua o sr. J. M. a publicar no *Comércio do Porto* a sua série de artigos intitulada «O bem estar do operariado». Já dissemos há dias que deles discordávamos, não por que duvidássemos da sinceridade e boa intenção do autor, mas porque partíamos de pontos de vista inteiramente diversos e visávamos fins diferentes.

O sr. J. M. não quer mais do que deitar na sociedade capitalista em que vivemos alguns remendos que possam aproveitar ao operariado. Porém, não se atreve a tocar em um só dos privilégios burgueses que nós desejamos destruir porque são iníquos, porque são injustos, porque são vergonhosos para a humanidade.

Anteontem abordava o problema da invalidez e chegava à conclusão de que o operário sofria miséria quando chegava à velhice porque não sabia ser previdente durante a mocidade.

Parece à primeira vista que o sr. J. M. tem razão. Porém, como pode ser o operário previdente durante a mocidade se nessa época da sua vida o que ganha, muitas vezes, não chega para comer? De nada nunca se arrancou coisa alguma. Do deficit constante que sobrecarrega os lares dos trabalhadores não se pode portanto tirar uma parcela, por muito pequena que seja, para guardar para a velhice.

Bem andaria o sr. J. M. se aconselhasse ao patronato a pagar melhor a quem o serve. O operário precisa, antes de mais nada, de assegurar o presente para depois cuidar do futuro. E contra o bem estar presente, que não alcançou, mas ao qual tem incontestável direito, atenta a classe capitalista constantemente.

A invalidez do operário é e será sempre qualquer coisa de miserável e confrangedor enquanto a sua mocidade fôr também miserável e contrangedora. Agora mesmo estão alguns patrões combinando a maneira de fazer baixar os salários, já bastante reduzidos, do operariado.

Fala o sr. J. M. em caixas de previdência, seguros contra a invalidez, percentagens nos salários cobradas nos salários pelos patrões, etc. E tudo realmente muito bonito. Mas o salário do trabalhador é que não dá para essas fantasias.

A invalidez só pode ser protegida a valer com a modificação total da sociedade capitalista. Quando a terra e todos os meios de produção estiverem nas mãos do produtor e, portanto, todas as instituições sociais funcionarem em benefício colectivo, então todas as velhices estarão naturalmente protegidas por uma assistência que não será a vergonha que para aí se patenteia.

A guerra de Marrocos

A arrogância insolência do marechal Petain
PARIS, 27. — O marechal Petain, no decurso da travessia Casablanca-Marselha, foi entrevistado por um redactor do *L'Action Française*, a quem declarou:

«Estou encarregado de bater Abd-el-Krim, e batê-lo hei. Logo que tudo esteja preparado, dentro de alguns dias, terei então muitas coisas interessantes a dizer-lhe, mas em Fez».

Interrogado sobre uma aventura campaina de inverno, o marechal disse que as medidas tomadas indicam não ser necessário prolongar anormalmente o actual período de operações.

A entrada da Alemanha na Sociedade das Nações

BERLIM, 27. — Um comunicado oficial publica o texto da resposta anglo-francesa, sobre o pacto de segurança, que aceita a admissão da Alemanha na Sociedade das Nações sem reservas e declara ser necessária a arbitragem obrigatória.

Ciclones sobre a Sérvia e Itália

BELGRADO, 27. — Sobre esta região passou um violento ciclone, tendo sido os prejuízos muito importantes.

O avião em que o capitão francês Weiss realizou o voo Paris-Angora, e estava fazendo o regresso, ficou completamente destruído.

ROMA, 27. — Sobre a Itália, de norte a sul, passou um ciclone que causou grandes prejuízos, avariando linhas telegráficas, telefónicas e de caminho de ferro, casas, etc. Desconhece-se o número de vítimas.

O Japão mártir

TOKIO, 27. — Chuvas torrenciais caíram sobre Tokio e Yokohama, inundando grande parte das duas cidades.

Onde se descobrem os manejos dos divisionistas e onde se dizem cousas pesadas

Os processos de que se serviu Manuel Rodrigues para conseguir que a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra a que pertencemos assumisse a atitude que tomou merecem alguns comentários que entendemos dever fazer publicamente com o desassombro que nos caracteriza.

Vamos fazê-lo para que os camaradas dos outros organismos possam apreciar em que consiste a tal «rajada de bom senso» que para nós Descarregadores, na Federação Marítima e nos sindicatos onde existem magníficos «tachos».

Chega-nos a parecer impossível que os trabalhadores não se apercebessem do logro em que os fizeram cair com o intuito de se arranjar votos para a Federação.

Manuel Rodrigues sabia bem que eu era a pessoa que mais resistência oporia a que se cortassem as relações com a C. G. T. e para conseguir agradar ao seu mestre Júlio Luís não teve pejo em preparar uma autêntica farça.

Manuel Rodrigues, António J. Cerqueira e Miguel Carvalhal são três pessoas distintas mas há um só deus verdadeiro que encapaladamente, puxa os cordelinhos e faz mover tudo o que se está passando: esse único deus verdadeiro é Júlio Luís, dos Arsenistas do Exército e um dos chefes da obra divisionista.

Júlio da Anunciação era o delegado da classe. E nesse tempo Manuel Rodrigues era o cobrador.

Quando Júlio da Anunciação foi preso este nomeou-se a si mesmo para o lugar que aquele ocupava. Porém como arranjassem um *tacho* melhor melhor, um belo dia abandonou o cargo e despesou a classe e foi trabalhar com um relógio na mão a marcar carvão, serviço que segundo ele tem afirmado devia ser dado a velhos, doentes ou impossibilitados. Fazer estas afirmações é fácil, cumpri-las é que é difícil.

Manuel Rodrigues não quis continuar no seu lugar de delegado por dois motivos: 1.º porque ganha quasi tanto numa semana como ganhava no cargo de delegado durante um mês; 2.º porque lhe convinha incompatibilizar-me com a classe.

Como conseguiu-lo? Nomeando-me para o cargo de delegado e preparando com os seus auxiliares uma guerra contra mim, servindo-se de todas as armas desleais, inclusive a calúnia.

Resisti bastante em aceitar esse cargo. Mas cedei depois dele dizer que não o podia retomar por estar incompatibilizado com um grupo de componentes da classe. Aceitei o cargo, não pelo lado material mas sim pelo interesse da organização. Manuel Rodrigues fingiu-se, nessa altura, muito meu amigo, dizendo que me auxiliaria.

Soubes depois com espanto que os seus auxiliares andavam voltando os «alcochetanos» contra mim, propagando que eu pretendia escangar-lhes a escala de serviço.

Para demonstrar a falsidade desta atoarda basta dizer que, no Cais do Sodré, só entre descarregadores de carvão mineral existem três escalas.

Tanto eu como a direcção nunca em tal pensámos.

Um auxiliar de Manuel Rodrigues andava exibindo o art. 28.º dos estatutos dizendo que a assembleia o tinha desrespeitado, aprovando um encargo e um empreiteiro para delegado. Pois este indivíduo desde o pouco tempo que é sócio outra coisa não tem feito senão desrespeitar a letra dos estatutos.

Ora nunca fui empreiteiro: fui sócio encarregado da firma M. Peres & C.ª que me dá em média 5 escudos por dia e é agora na época da palha, e já esteve dois anos sem me dar pão a ganhar. E nisto que consiste o grande empreiteiro e encarregado. Chegou a espalhar-se que se o pessoal do Chafariz não viesse para o Cais do Sodré, seria expulso. Nem eu nem a direcção em tal pensámos, mas convinha indispor estes homens contra mim.

Aprovaram a moção de Manuel Rodrigues que cortava as relações com a C. G. T. e rejeitaram a minha que era pela unidade sindical de todos os trabalhadores marítimos e terrestres.

Os descarregadores foram ludibriados. Disseram-lhes que vinham tratar duma coisa e afinal tratou-se de outra. Muitos ficaram espantados quando notaram que não se tratava do assunto que lhes tinham falado.

Dos dois grupos que apareceram um era composto por um pequeno grupo de «alcochetanos» que acompanhavam Carvalhal e outro do Chafariz. Do pessoal do Beato, Xabregas, Póço do Bispo, Terreiro do Trigo e Alcântara que é composto por 900 homens só 5 compareceram. Do Cais do Sodré só havia um pequeno número.

Sobre o que se passou no Conselho Federal da Federação Marítima devo esclarecer que ele é composto de delegados que são irmãos, parentes e amigos uns dos outros. Alguns já são delegados há 7 anos. Um desses delegados é presidente da classe. Ganha bem e faz de patrão.

Se fôssemos a desfiar esta meada muito teríamos a dizer.

Joaquim Tomé LOPES
Delegado da classe, pela comissão administrativa demissionária

A Síria convulsionada

Os drusos atacaram Damasco
PARIS, 27. — Notícias da Síria confirmam o ataque contra Damasco, repellido pelas tropas francesas, e que a guarnição de Saida continua cercada pelos drusos.

Um derrota dos franceses

CAIRO, 27. — Os revoltosos drusos obtiveram um novo êxito sobre as tropas francesas da Síria, aprisionando a guarnição de Deir el-Sor. nos arredores de Damasco.

O CÚMULO DOS CÚMULOS: BARBOSA VIANA ENTENDE QUE SE DEVEM FAZER MAIS DEPORTAÇÕES!

O sr. Barbosa Viana parece ter nascido com um único objectivo: fazer à classe operária uma guerra implacável, uma guerra de ódio. Quem se der ao cuidado de folhear a colecção de *A Batalha* deparará muitas vezes, inúmeras vezes com o nome deste homem. E em cada uma delas de per si e em todas verificará que ele acompanha o relato de violências, de perseguições, de prisões exercidas contra operários.

O sr. Barbosa Viana é um inimigo da classe operária — e um inimigo velho — um inimigo de sempre, que nunca se esquece, nem se arrepende, nem perdôa.

E o homem que foi mais tempo juiz do Tribunal de Defesa Social, é o indivíduo que foi várias vezes director e adjunto da P. S. E., é o das condenações iníquas, dos processos feitos à porta fechada, das prisões longas sem mandados sem culpa formada, é o das entrevistas rancorosas aos jornais. Este inimigo porfiado é um inimigo covarde. Não é capaz de lutar contra a classe operária dentro dum partido conservador, dentro da redacção dum jornal ou ainda em qualquer tribuna reaccionária. Só luta quando um governo de ódio o chama para a P. S. E. e lhe dá com os poderes descrisórios a certeza cortante dos chamfidos dum polícia desvairadamente homicida ou os argumentos mortais das pistolas da mesma corporação criminal. Então esse covarde é um valente. Mas, quando é demittido cessa de hostilizar: quasi desaparece das ruas, recolhe-se a penates e emudece.

Um jornal da noite relatava em meia dúzia de linhas esta infâmia:

Foi entregue ao presidente do Ministério

um relatório no qual afirma quem o elaborou — o encarregado de rever os processos dos deportados — que os julgamentos dos que se encontram nas plagas africanas devem ser feitos na Guiné e que por esse motivo devem seguir para aquela colónia muitos dos presos sociais que ainda se encontram na metrópole.

Escusado é dizer que o autor deste relatório é o único indivíduo capaz de, nesta emergência, realizar semelhante obra de ódio, chegar a uma tão cruel condição — Barbosa Viana.

E dito isto, esqueçamos este fanfchoe odioso e vamos ao encontro do relatório que ele realizou. De entrada assinalaremos que o sr. Domingos Pereira tem pelos seus actos desmentido, até agora, as suas palavras. Começou por achar iníquas as deportações e sancionou-as, visto que essa iniquidade mantêm-se tão inalterável como se se mantivesse no poder esse estúpido e mau Vitorino Godinho que as ordenou. Alguns deportados já faleceram, outros encontram-se doentes, havendo entre estes últimos quem esteja em perigo de vida, e o presidente do Ministério permanece impassível e indiferente.

O relatório, o famoso «relatório» a que nos referimos só deixa mal colocado o sr. Domingos Pereira. Um político e um político em evidência como ele é não pode ignorar as pessoas a quem os processos ao inimigo da classe operária deu-nos a impressão de uma pessoa que aconselha o chamamento do carrasco como condição indispensável para salvar a vida a outra.

De resto esse relatório é inútil. Não serve para nada. Ninguém o pediu e toda a gente o dispensa. Para que diabo o querará o sr. Domingos Pereira?

Não se trata da revisão das asneiras e insídias do *xefe* Xavier, coisa que só mediocrementemente nos importa. Trata-se de salvar a vida dos deportados — e ela não se salva com expedientes — e expedientes vergonhosos.

A conclusão do relatório é uma infâmia. Então pode concluir-se da revisão, feita a correr duns processos recheados de falsidades, que as deportações devem manter-se? E pode concluir-se também que devem ser deportados muitos dos presos que há longos meses aguardam julgamento?

Em que terra se chama a isto revisão de processos? Provavelmente só na Beócia, se é que não haja quem tenha empenho em arvorar isto em escusala da Beócia.

O sr. Domingos Pereira prometeu o regresso dos deportados; disse que as deportações eram uma infâmia e uma infâmia que ele não praticaria. De promessas não se vive — morre-se, principalmente quando se está deportado na Guiné!

Quanto a actos só há até hoje o relatório com a conclusão sinistra de que é necessário enviar para o matadouro da Guiné mais presos sociais. E tudo quanto existe, trazido em factos das promessas feitas pelo sr. Domingos Pereira.

Repugna-nos acreditar, tão monstruosa é a ideia, que o relatório seja uma comédia ensaiada entre o sr. Domingos Pereira e o polichinelos vesgo, ridículo e odioso — Barbosa Viana.

A REACÇÃO NA ROMANIA VAI HOJE FAZER MAIS 386 VITIMAS?

Hoje, em vez de ser no dia 3 de Setembro, data fixada antecedentemente, comparecerá perante o tribunal, em Kitchineff, 386 camponeses da Bessarabia de ambos os sexos.

E o epilogo da repressão bárbara com a qual foi sufocada, em Setembro do ano passado, a revolta camponesa da Bessarabia meridional.

Não será demais lembrar como os casos se passaram:

No dia 17 de Setembro de 1924, na aldeia de Nicolaeva, uma patrulha de três gendarmes fuzilou em pleno dia e mesmo no meio da praça do mercado um camponês que ali viera para vender os seus produtos e que se recusava a entregá-los à autoridade. A vista do cadáver banhado em sangue, a multidão compacta que a essa hora se encontrava na praça, estremeceu de horror.

Os gendarmes ao verem a attitude do povo carregaram imediatamente. Os camponeses não arredaram pé, lançaram-se contra as feras para as desarmar e pouco depois a praça era um perfeito campo de batalha. Os camponeses conseguiram por fim levar a melhor e pouco depois ocuparam a «mairie».

A noticia espalhou-se imediatamente pelas aldeias vizinhas, com a rapidez dum relâmpago. Nérusani, Mihailovca, Graznaia, Cicina e pouco depois todas as aldeias do Sul da Bessarabia imitaram Nicolaeva. Durante cinco dias, a população foi senhora de toda a administração numa área superior a 60 quilómetros quadrados.

Foi então que sem qualquer aviso, o comando militar, organizando uma frente de batalha de Galatz a Ismail fez cercar a região pela artilharia.

A cidade de Tatar-Bunar foi incendiada, 89 camponeses executados no pátio da igreja, 200 fuzilados nas ruas. Seis aldeias foram completamente destruídas e em poucos dias foram assassinadas mais de 2.000 pessoas.

Mas não bastou ao governo romão reprimir a revolta pelos processos que lhe eram usuais, e que para sempre ficariam célebres na história com o nome de «processo bessarabiano». A revolta da Bessarabia meridional, que se deu alguns anos depois do movimento da Bessarabia do Norte em 1919, tinha demonstrado à evidencia os progressos feitos pelos trabalhadores na plena consciência da sua classe.

Desta vez não se tratava dum movimento desorganizado, dum reacção quasi fisiológica contra a occupação estrangeira e contra as perseguições e roubos exercidos por esta última, mas sim dum revolta consciente e organizada contra a oligarquia romãica.

O governo sabia muito bem que não é com artilharia que se sufocam revoltas deste género. Catástrofes como o incêndio duma cidade ou duma aldeia podem-se esquecer: assemelham-se bastante a um cataclismo da natureza. Para que a repressão seja verdadeiramente eficaz, são necessárias torturas físicas mais lentas e sobretudo torturas morais. E por essa razão que há mais de onze meses, quasi 400 trabalhadores de ambos os sexos, acusados de terem tomado parte activa na revolta de Tatar-Bunar, se encontram encerrados na fortaleza de Kitchineff onde são submetidos a um regime digno da Inquisição. Mais de 130 fizeram a greve da fome e 13 já foram executados sem julgamento para os punir de infracções a disciplina. E por essa razão que hoje comparecerão perante o tribunal marcial de Kitchineff 386 trabalhadores de ambos os sexos, de antemão condenados à morte!

Qual será a attitude do proletariado mundial perante esta tragédia?

Fraternidade fascista

ROMA, 27. — Mussolini aprovou o relatório do prefeito de Roma sobre os acontecimentos ali ocorridos e deliberou expulsar do partido fascista o ex-ministro Oviglio.

Notas & Comentários

Falta de padres

As Novidades fazem quasi todos os dias uma descoberta. Quando não dão a grande e inédita novidade de existir um conflito entre a Federação Marítima e a C. G. T., apercebem-se da chegada de Sarmiento Beires e Brito Pais a Macau. O título naquella gazeta não podia ter sido melhor encontrado... Ontem descobriu que havia falta de padres em Damão. Faltam prelados em Damão — faltam pelo menos seis eclesiásticos. E preciso que o país saiba que Damão luta com falta de clero. Apecebam-se, leitores, da gravidade tremenda desta noticia. Há falta de padres em Damão! Jesus, que vai ser de nós! Jesus! Jesus! Há falta de padradalha!...

U futebol e a educação

Na Figueira da Foz realizou-se anteontem um desafio de futebol entre uma selecção daquela cidade e um «team» de Badajoz. Ora o futebol é um desporto que tem o condão de ao mesmo tempo que enrije os músculos contribuir poderosamente para o embebecimento do espirito. Daí talvez o ter-se dado um grave conflito pelo facto de os portugueses, em regra sempre tão infelizes, estarem ganhando. Um espanhol entendendo que os pés não eram suficientes para bem defender a sua causa, puxou duma navalha — e o publico excitado pela corecção e pela linha impecável dos jogadores fazia um ruído ensurdecedor... Enfim, uma balbúrdia que ninguém entendia.

Confirma-se, pois, que o futebol, como dizem os entendidos, desenvolve duma maneira extraordinária as altas virtudes cívicas dos cidadãos...

Achamos bem...

Como se sabe, encontrava-se preso o sr. Luís Corte Real de Sousa Leite por ter levantado do Banco Internacional do Comércio — certamente por engano — a insignificante quantia de sessenta contos... Quando um José dos Anzós qualquer levanta da algibeira alheia sessenta escudos, que não é nada que se pareça com sessenta contos, é afofado, e mesmo que esteja disposto a restituir a quantia, tem de sujeitar-se ao Limoeiro, julgamento e respectiva condenação. Pois o sr. Luís Corte Real de Sousa Leite foi posto em liberdade só porque restituíu parte da quantia que subtrahiu — e prometeu pagar o resto para a semana... Achamos bem...

Internacionais... do Tesouro

O sr. Alberto Xavier, ilustre director do Diário da Tarde, que tanto se preocupou, como muito bem frizámos, com a questão dos Bilhetes do Tesouro e muito principalmente com a attitude do delegado do Ministério Público, que pretendia duma maneira «impertinente» saber tudo, publicou ontem um interessante artigo sobre a II e a III Internacionais. Foi para nós uma verdadeira surpresa aquelle artigo. Nunca imagináramos que as Internacionais Socialistas pudessem ter qualquer relação com o caso dos Bilhetes do Tesouro.

Suspensão de pagamentos

Mais um Banco que suspende subitamente os pagamentos: o Colonial e Agrícola Português. Aduziu várias razões para justificar esta resolução, mas parece que o governo não se conformou com elas. Nesta ordem de ideias tornou publica a seguinte nota officiosa:

O governo, tendo fundados motivos para não admitir como aceitáveis as razões com que o Banco Colonial e Agrícola explica ao publico a suspensão dos seus pagamentos, vai mandar averiguar, pela Inspecção do Comércio Bancario, as causas exactas daquela suspensão.

Parece que em torno deste caso de suspensão de pagamentos que alguns Bancos estão fazendo, anda grossa escandaleira.

A greve marítima inglesa

LONDRES, 27. — Os grevistas marítimos manifestaram-se ruidosamente de frente do edificio da sua união, sendo disparados 18 tiros das janelas que feriram vários manifestantes.

AREACÇÃO NA BULGÁRIA VEM COMETENDO UMA SÉRIE DE CRIMES

Terríveis noticias chegam da Bulgária. Os jornais estão cheios de descrições de scenas horribes de suplicios inflingidos a todos os que cometam o crime de não pensar como o governo.

Anarquistas, comunistas, ou simples indivíduos sem partido que protestam contra a odiosa ditadura, são impiedosamente arrastados para a prisão, espancados quando não são fuzilados imediatamente.

Da Bulgária escreveu um camarada para o «comité» anarquista bulgaro de Paris a impressionante carta que a seguir transcrevemos:

«Não somente é impossível trabalhar, mas nem sequer se pode respirar.

A vida humana já não tem nenhum valor. Assassinou-se o poeta modernista Guéo Mileff por ter escrito um poema após os massacres de Setembro de 1923, no qual condenava os crimes das autoridades. Pessoalmente, não pertencia a nenhum partido politico.

Assassinou-se Joseph Herbst por ter manifestado simpatias pelo comunismo.

Assassinou-se o doutor Tzarvoulouff pelas mesmas razões.

Tristo Traitcheff foi assassinado, porque era o correspondente do Comité de Socorros aos anarquistas perseguidos e «presos».

A estudante Ivanka Siméonova foi assassinada, porque professava ideias anarquistas.

Rahila Anguelova foi assassinada como anarquista.

Os jornais publicam longas listas de assassinatos ou de «suicídios» que indicam que todo o país está entregue à ferocidade das hordas fascistas, operando sob o olhar benévolo e com o concurso do governo.

As cartas enviadas por pessoas cuja sinceridade é incontestável sobre os processos criminosos do governo bulgaro dão penosos detalhes. Eis uma dessas cartas:

«Passam-se coisas terríveis no nosso país. Assassina-se mesmo os mais inocentes. Muitas vezes sob o pretexto fútil de se ter cabelos compridos (porque existe uma ordem, proibindo usá-los sob a ameaça de ser declarado «bandido»), muitos camaradas são mortos. Não nomearei senão aqueles de que a imprensa confessa o assassinato.

E quantos há, além dos que se anunciam: de Nova Zagora, Petko Yaneff, Milantcho Dimitroff, Mitcho M. Vasilieff, Dineo Gospodinoff, Dona Balbuleff e doutros, e também alguns homens de Silivene, de que não me lembra o nome. Nicolas Slavoff, de Krivakroncha, foi igualmente morto.

A sorte de muitos é desconhecida. Desapareceram sem deixar vestígios. Bate-se nos prisioneiros com sacos de cal para provocar uma tuberculose artificial.

E um longo grito de dor e de raiva impotente, que se exala do peito dos proletários bulgaros, de todos os que não têm o direito, sob pena de morte, de esboçar o menor gesto de protesto. O proletariado occidental, todos os que pensam, e têm um coração, ouvirão eles o apelo angustioso que lhes dirrigem os seus irmãos da Bulgária?

A febre de prender atingiu Olhão

Os industriais de Olhão imcomunados com alguns *amarfios* da última greve têm exercido sobre os militantes operários daquela vila uma perseguição acinzentada.

Além do que já referimos anteontem, temos a acrescentar que as perseguições não cessaram. Agora coube a vez ao nosso camarada Manuel Teodoro, que já se encontra preso.

Actualmente não há em Olhão nenhum movimento grevista, nem tampouco se lá produziu qualquer incidente que anormalmente a vida daquela vila. Não se compreende, portanto, as estranhas violências que se estão cometendo senão como uma covarde e torpe vingança dos industriais.

Contra essas perseguições e prisões injustificadas lavramos o nosso protesto.

A farinha da «Samo-rense» sufoca os ministros, certa imprensa e repartições públicas

Diariamente, às 6 da manhã é a povoação despertada pelo silvo prolongado da máquina da moagem; e o pessoal da fábrica accorre pressuroso ao trabalho de mais um dia de penoso martírio e de menos um dia que lhe resta para viver. E à hora em que as ferramentas começam a diátria faina, ainda os magnates que a *Samo-rense* tem engordado se encontram gosando o mais despreocupado sono; porque eles bem sabem que os servos, os forçados da vida, lá estão juntando mais uma centena de escudos para serem encastelados nas burras da poderosa empresa, sem que, para isso os enxudios magnates tenham contribuído com um passo, sequer.

E eles sentem-se bem, os eternos explorados, por contribuírem para a fortuna alheia, de que não hão de aproveitar um mísero centavo, chegando a não ver com bons olhos aqueles que de alguma forma pretendem contribuir para a sua libertação moral, transformando os actuais escravos de roça em operários conscientes e dignos, em seres querentes e pensantes, em homens, enfim.

Eles bem vêem que na nossa campanha de bem fazer, não se vislumbra o ódio, a malquerença ou o despeito. Somos um modesto operário, um trabalhador do ensino, que não quer limitar esse seu apostolado à sua cadeira de professor, onde costuma aproveitar todas as ocasiões para mostrar aqueles que ensina que o mundo progride sempre e que é um crime nefando tentar o estacionamento da sociedade, não aconselhando a guerra sem tréguas ao existente que não é bom; mas olhando com illimitada confiança o futuro que há de ser, sem a menor dúvida, muito melhor.

Os trabalhadores de Samora ressentem-se do meio e de alguns séculos de algemas. Habitados a chamar *patrão* a todos aqueles que vestem melhor um pouco, que têm casa sua, ou umas geiras que cultivam, eles vêem nas modernas doutrinas o punhal, a dinamite, a picareta demolidora e o fogo da completa destruição. Vêem em tudo o perigo vermelhos e acham muito bem que se encerrarem nas prisões, indelintamente, ou se mandem para a Africa, sem espécie de julgamento, companheiros de trabalho, de envolta com criminosos vulgares, e que tinham como única culpa o terem caído no desagrado de alguns agentes da policia.

Os trabalhadores de Samora lêem — os que sabem lêr — gostosa e sófregamente os grandes órgãos das *forças vivas* encontrando-se embebidos nas nefastas doutrinas que eles criminosamente espalham em nome da ordem, que o mesmo é que dizer em nome da sabugisse, da subserviência, da submissão de que os endinheirados burgueses não podem prescindir para poderem fazer descansadamente as suas digestões e para que seu sono não possa ser perturbado por qualquer mau pesadelo.

E, como se fôssem também anafados burgueses, temem o *perigo vermelho* e sentem-se vacilar de susto só em pensar que, um dia, Portugal, como, de resto, outras nações, pode vir a ter outras instituições mais modernas, mais progressivas, mais justas e humanitárias do que o simulacro de república a que os politicos moageiros e tubarões reduzem esse delicioso sonho da manhã de 5 de Outubro de 1910.

Faz pena isto!

Pois se os próprios trabalhadores temem o regime de liberdade que muito principalmente aos trabalhadores interessa, não olusados pelo brilho intenso das ideias novas, mas tranzidos de susto pela escuridão que em tudo antevêm!

E tudo isto se dá, entre nós, porque não há escolas; e as poucas que há são regidas na sua grande maioria por senhoras que acompanham os meninos à catequese e se encorporam com os alunos nas procissões da primeira comunhão.

Foi talvez com este pensar reservado que o padre Tobias, impotente para pagar a dois homens que, munidos de uma alavanca e de uma «picareta», destruísem os *frags* muros da Escola que o *Século* de outros tempos conseguiu erigir em Samora Correia, fez levantar os possantes muros da moagem bem junto à pobre condenada para que o arquejar barulhento das máquinas e a vozearia do pessoal fabril emudecesse, por uma vez, a voz do professor e o chilreio alegre da garotada.

Conseguio o que pretendia. E, para que do gabinete do ministro não pudesse sair qualquer ordem que o viesse a preocupar, lá estavam a postos as potentes influencias da *International Mercantile Company*, que, para se dar ares, tem um nome estrangeiro, a fim de, à primeira voz, sustarem o grito da justiça que de algum peito se erguesse.

Não sabemos se alguma vez foi preciso utilizar essas reservas; o que sabemos, o que toda a população de Samora bem conhece, é que, não obstante ser um monárquico confesso, o padre Tobias com um simples aceno, colocou a seu lado o senador Silva Barreto, o qual, tendo recebido os protestos do povo de Samora que se queixava de lhe terem destruído a sua Escola, sorriu malicioso e disse, enfatuado, da sua cadeira de chefe de repartição:

«Súcia de parvos! Que importância tem agora uma escola de meninos, se a seu lado se ergue, magestosa uma fábrica de moagem que representa o progresso da industria, o progresso da riqueza, — o dinheiro!»

E os protestos sucederam-se, até que os protestantes, vendo que eram objecto de escárnio nas repartições do ministério da instrução, não voltaram lá mais. Sempre que partiam para Lisboa, cheios de esperança na justiça da sua reclamação, haviam de lobrigar perto o alentado Tobias que, de mãos atrás, nas costas, sorria iníquo, por detrás dos vidros dos óculos, como que a dizer-lhes:

«Tenham juízo, que nada conseguirão. Onde chegar o simples pó da farinha das

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A Federação da Construção Civil francesa dirige-se à C. G. T. U. e ao Partido Comunista

A Federação da Construção Civil de França dirigiu ao Partido Comunista e C. G. T. U. uma carta que a seguir transcrevemos, por nela se revelar a «capacidade revolucionária» de certos laicos ao serviço de Moscova:

«Convidados pelas camaradas de Ivry-Port para assistir a uma reunião organizada pela C. G. T. U. e Federação Unitária, com a ordem do dia: A Unidade e a organização dos operários, nós fomos ao «rendez-vous», ouvir as vozes autorizadas dos missionários ortodoxos.

Abordando a primeira questão, os nossos dois «azes» lançaram sobre o dorso da Federação umas pequenas porcas, que como bons meninos de coto da Igreja moscovita, eles recitavam religiosamente. Para terminar um pequeno apelo à bolsa feito num tom inteiramente cómico.

Eis explicado em duas palavras tudo o que souberam dizer aos trabalhadores, para justificar a sua intervenção, os nossos dois «azes». Num período agitado, pois que o Sindicato Único da Construção Civil apresentou uma série de reivindicações e que a resposta é esperada para o fim da semana, a intervenção do secretário geral da obra estrangeira e do seu correligionário, pode ser apodada de tração. Os representantes dos patrões ao ouvirem-na, devem ter sorriso bem, e estregado as mãos. Eis a triste conclusão a tirar desta intervenção.

No decorrer da exposição dos dois delegados a nossa atenção foi atraída sobretudo pela que fez o secretário geral, exposição inexacta, má, que tinha o ar de ser feita por um indivíduo que frequentava as semi-mundanas, e vive da prostituição. Nós perguntamo-nos donde vinha uma tal luz, porque a exposição feita era por um ignorante do movimento sindical e social; não seria ele o descendente dum patrão fadado por incapacidade administrativa, ou então não teria sido lançado à porta dum seminário ou duma escola militar; tinha todo o ar disso. Com um tal indivíduo que tinha antes necessidade de ser educado, não se arrisca a massa a sê-lo.

Seria muito melhor que se dedicasse à criação de animais, porque a função de propagandista que ele ocupa não lhe convém de forma alguma. Seria interessante para os seus patrões, que um debate tivesse lugar, no qual a sua incapacidade fosse demonstrada por ele próprio.

Para este fim, a Federação da Construção Civil, e em particular Masserotti, propõe uma conferência contraditória entre o secretário geral da mão de obra estrangeira e Masserotti, delegado da mão de obra estrangeira na Federação da Construção Civil, sobre os temas seguintes que o nosso secretário geral em questão declarou conhecer a fundo:

- 1.ª) Estrutura sindical do movimento operário;
- 2.ª) Os motivos da seicção em França;
- 3.ª) Os partidos políticos em face do movimento sindical.

Propomos, além disso, que neste debate os camaradas ao corrente — de língua italiana e francesa — de todas as questões sociais, assistam como juizes.

Esperamos a resposta dos interessados, dos quais o «fenômeno» em questão é apenas um empregado.

A falta de trabalho na Austria

Já há mais de dois anos que o governo burguês da Austria restabeleceu a ordem no país, aplicando os princípios dos tratados de Genebra.

A-pesar-disso, porém, o proletariado austriaco continua a viver sob o peso da maior miséria.

Existiam ali ultimamente 230.000 homens — funcionários e operários — sem trabalho, número bastante elevado, atendendo a que neste país devem existir apenas 1.200.000 pessoas que trabalham para ganhar a vida. Segue-se que um quinto dos assalariados está actualmente sem trabalho. Mais de 750.000 pessoas — mulheres e filhos dos desempregados — são atingidas pelo «chômage».

Segundo os tratados de Genebra só é permitido socorrer no máximo 90.000 «chômeurs», portanto o governo tem de recusar todo o socorro a 140.000 desgraçados.

Os desempregados estão unidos e organizados, tendo criado nas cidades mais importantes comités. Cada comité tem os seus representantes no Comité Central dos Sem-Trabalho da Austria, cuja sede é em Viena. Este comité central publica um jornal, O jornal dos sem-trabalho, que tem uma tiragem de 30.000 exemplares.

Já se têm realizado numerosas manifestações, e é por isso que o governo hesita em retirar aos desempregados toda a possibilidade de viver. O governo já encarcerou alguns chefes deste movimento, dando-lhes em seguida trabalho, a fim-de os afastar dos «chômeurs».

No dia 1.º de Abril último houve uma manifestação em várias cidades da Austria, que obrigou o governo a mobilizar todas as suas forças. Houve conflitos, donde resultou 20 feridos em Viena e 50 em Graz, capital da Styria, além de muitas prisões.

Os capitalistas austriacos, auxiliados pelos bandidos fascistas, tentam introduzir a jornada de 12 horas, suprimir os conselhos de trabalho e a lei do inquilinato, etc.

Esperamos que os trabalhadores da Austria não consentirão estas provocações, e que saberão impor a sua vontade aos seus exploradores.

moagens não há leis, não há direito, não há justiça que seja capaz de erguer-se!

Mais que um despacho ministerial vale no nosso país uma boa saca de arroz; e, se o ministro é teimoso, umas acções ou uma cota na empresa são o óleo lubrificante que desempenha as molas mais rentes.

O que é facto é que, em plena República, ou, pelo menos em regime de extinção monárquica, vale mais um pedido de um monárquico, do que uma dúzia de representações de Juntas de Freguesia e de Comissões Políticas. Pelo menos assim se demonstrou sempre sob o consulado do Bonzo-Chefe, tanto nesta questão da Escola, como na questão dos terrenos da Junta ocupados pela Companhia, como ainda na questão do Chefe da Estação Postal que a Samorensense pensou em nomear e conseguiu-o, não obstante os protestos das corporações locais.

E... viva a República!

Mas, descansem os magnates, descansem os potentados, descansem os bonzos que se venderam a célebre U. I. E. que o seu dia de entrada há-de chegar também e talvez mais cedo do que muita gente pensa.

Para isso nos encontramos lutando, com toda a dedicação, com toda a boa vontade.

Serra FRAZÃO

CARTA DO PORTO

Contra a saúde pública

As refinarias de açúcar moem-no em vez de o refinar, com grave risco da saúde do consumidor, sem que as autoridades sanitárias se preocupem

Contra a trituração e moagem de açúcares insuficientemente depurados, o ministério do Trabalho publicou, em tempos, o decreto n.º 10.078.

A reforçar esse decreto, foi publicada, em 28 de Maio de 1925, a portaria n.º 4.413, em consequência de persistir o abuso e das respectivas amostras colhidas continuarem a atestar a impureza dos açúcares moídos, em vez de refinados.

Não se trata aqui de um simples interesse corporativo, profissional, mas de um caso de higiene pública, para o qual as devidas autoridades sanitárias têm o dever, visto que para isso ganham, de dedicar toda a sua especial atenção.

A-pesar, porém, da saúde pública perigar e da publicação na folha oficial dos referidos decreto e portaria, a trituração, a moagem dos açúcares continua-se a efectuar sem a mínima vigilância das delegações e sub-delegações de saúde — o que dá a entender que as autoridades estão compradas pelos moageiros dos açúcares.

Se houvesse o indispensável cuidado de quem compete velar pela saúde pública, certamente que saberiam que os açúcares são moídos, e não refinados, nas seguintes casas:

Ramalho, Lordelo de Ouro; Luís Pereira Sampaio, rua Fernão de Magalhães, 287; António Sousa Camilo & Filho, rua de Penoucos, 177 (Lordelo de Ouro); M. Vunderly & C.ª, rua do Almada, 296; Vidal, Filho & C.ª, rua da Lada; Manuel Soares Ferreira, travessa de Penoucos, 127; João Pinto de Azevedo & C.ª Lda, rua da Pastelaria, 261 (Lordelo de Ouro); A Flor do Padrão, largo do Padrão; Jaime R. Prazeres, rua 13 de Fevereiro, Matosinhos; Antiga Fábrica João Ferreira, rua Barão de São Cosme, e A. Gregório Martins, rua Escuro, 21.

Como as autoridades, afinal, são entidades mais próprias para arranjos do que para tratar da verdadeira defesa pública e real cumprimento das suas funções fiscalizadoras — segue-se que, além de «desconhecem» aquelas casas onde se moem açúcares, esqueceram-se de que os cidadãos açúcares moídos são nocivos à saúde pública, visto que, sendo por diferentes vezes cuidadosamente analisados, foram dados como impróprios para consumo.

Não é a primeira vez que se tem provado que os moínhos trazem toda a qualidade de impurezas que o açúcar continha: um bicho que seja, o moínho reduz tudo a pó. E' conitantes nesta operação pulverizadora que os moageiros costumam adstringir aos açúcares, sal, arroz podre, gesso e outras porcas que se tornem mais baratas do que o açúcar.

Há, por exemplo, um tal A. Pereira, da rua Torrinhã, que já não é virgem no adonamento do sal. E' de presumir que aquele moageiro, contando com a impunidade, com a indolência, possivelmente com a complicitade, das autoridades sanitárias e civis, mais arregaladas para as notas bancárias — ainda hoje proceda às mistelas...

O público, pois, não sabe o que consome. E todavia, ele pode, com uma rudimentar experiência, verificar da diferença que existe entre o açúcar moído e o refinado, passando este por um bom filtro que lhe extrai toda a impureza. Qualquer pessoa pode, em sua casa, fazer a seguinte análise: pega em dois copos de água limpa, cristalina. Num copo deita uma colher (de sopa) de açúcar puramente refinado; no outro, idêntica percentagem de açúcar moído. Verá, depois, que a água adoçada com o açúcar refinado, se torna imediatamente nítida, enquanto a adoçada com o açúcar moído se torna um pouco turva e com um tanto de cor farinosa na superfície. O açúcar moído denuncia sempre a sujidade, ao passo que o refinado só pode mostrar no fundo do copo a gralha que possa escapar pelos peneiros...

Não cometemos a injustiça de considerar as autoridades, principalmente as sanitárias, leigas de todo nesta matéria. Mas estranhámos que elas se mantinham num mutismo criminoso perante os abusos, repetimos, que se estão praticando. Estranhámos o silêncio e desconfinamos até que ele derive de qualquer combinação de suborno.

Não é, mais uma vez afirmamos, um simples caso de interesse profissional que nos faz falar, mas uma questão de higiene, de saúde pública — o que é mais grave.

«Ouvir-nos não são as autoridades?»
Pórtó, 27-8-925.

C. V. S.

A C. G. T. italiana

Organiza um movimento para aumento de salários

O conselho de ministros italiano deve-se ter reunido ontem para examinar a situação económica, que parece ter-se tornado bastante grave na Itália.

A carestia da vida acentua-se dia a dia e a situação da maior parte dos operários é bastante crítica.

A aplicação dos novos direitos sobre os trigos sobrecarrega extraordinariamente os consumidores.

As organizações operárias aderentes à C. G. T. reuniram-se a semana passada. O comité executivo confederal, perante os delegados dos trabalhadores da terra, municipais, do livro, metalúrgicos, ferroviários, têxteis, etc., expôs o estado actual de coisas, ao qual, segundo ele, é preciso pôr termo.

Examinou as razões que concorreram para a depreciação da divisa monetária; proclamou-se adversário resolutivo dos direitos sobre os cereais e convidou as federações de indústria a actuarem energeticamente para elevarem os salários às novas exigências da vida.

Cada um por sua vez, os representantes de ofícios expuzeram a miséria em que vivem os operários italianos.

Ficou decidido que as massas operárias aderentes à C. G. T. reclamariam uma revisão de salários, introduzindo nos contratos de trabalho a escala móvel de maneira a aumentar a remuneração do trabalho em proporção ao custo da vida

FILHOS?

As crises de trabalho

Sendo um artifício, são a consequência da má organização social

Há alguns anos a esta parte que as crises de trabalho se intensificam. Algumas indústrias estão semi-paralisadas, fábricas encerradas por largos espaços, outras a trabalho reduzido. Da parte do industrialismo, procura-se ou finge-se que se procura a solução ou a deliberação da crise e o Estado procede de idêntica forma.

Entretocam-se os interesses dos que desejam fabricar para exportar e dos que vivem das importações, adoptam-se os expedientes que de momento se colhem para atender a encargos mais ou menos pesados das novas situações a que alguns indivíduos se viram guindados. E neste cachoiro de interesses que se contraditam, chega-se a desmentir o supremo argumento que é de uso empregar quando se trata de domar a multidão descontente — o patriotismo. Patrioticamente, os industriais que muito preçam, e acima de todas as convenções, os seus interesses, negociam como podem afeitos importados, ocasionando o atrofamento das indústrias; patrioticamente o comércio procede de idêntica forma, escapando-se uns e outros, quanto podem, a satisfazer os encargos do próprio Estado que lhes é garantia de privilégios. E o patriotismo nada mais é do que, num momento de franquesa, um político hábil pronunciou: — «chão que deu uvas».

Pátria, política, idealismo burguês, tudo isso se traduz no coiro forte, no depósito nos bancos, no deve e haver. O lema do presente, como muito bem disse ainda o mesmo político, é o «cada um governa-se».

A crise, a grande crise, esse artifício gerado pela fúrrugem da engenhagem social que nos tritura, tem como factor principal a ganância e como principal vítima o operário.

A par da crise de falta de produtos alimentícios no mercado, a crise de trabalho para os camponeses. Não há trabalho na construção civil e vivem numa promiscuidade aviltante famílias amontoadas em pardeiros velhos.

Encerram as oficinas de fabricação da mobília e falta o conforto em tantos lares. Não há com que vestir tanta gente esfarrapada e semi-nua e paralisam as fábricas de tecidos; numa palavra, é a crise das crises.

E o problema que todos os de cima fingem querer solucionar, tem uma única solução possível, e essa só lhe pode ser dada pelos de baixo.

Tome os camponeses as terras e trabalhem-nas em comum os operários industriais os técnicos, os do ramo da distribuição, etc., conta dos seus respectivos ramos de produção colocando-se tudo em comum, e por certo a crise, essa fúrrugem, terá desaparecido.

A BATALHA No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

PRO-CONGRESSO CONFEDERAL

Salão de festas do Sindicato Único da Construção Civil de Pórtó

Realiza-se na próxima terça-feira, um espectáculo para angariar receita para as despesas com o delegado a enviar ao Congresso, subindo à cena o drama, em 3 actos, «O Segredo do Pescador», finalizando com uma comédia.

Abre-lha o mesmo espectáculo uma orquestra.

Desde já se podem adquirir os convites na sede, das 19 às 22 horas.

A cura das doenças pelas Plantas

2.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2550. Pedidos a administração de A BATALHA

ESPERANTO

Nova Vojo. — Em assembleia geral foram apreciados o relatório e contas da comissão administrativa, e nomeou-se a nova comissão, que ficou composta por Costa Júnior, Jerónimo V. Cândido e Leonel da Cruz.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publica

QUEDAS

Num auto da Cruz Vermelha foi transportada ao hospital de São José, onde recolheu em estado grave à sala de Observações, Maria das Dóres Barrão, de 60 anos, natural de Évora, moradora no Calhariz de Benfica, 163, r/c, que ali caiu por uma escada que deita para o quintal, fracturando o crânio.

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Abílio Caetano de 52 anos, natural de Ceia e residente na rua A, no bairro Catarino, P. M., loja, jardineiro, que caiu no Parque Eduardo VII, fracturando um braço.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4500.

Encadernação (por capas e índice), 20500.

Capas e índice em separado, 15500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Avoceta» são hoje expedidas as malas postais para Las Palmas, Madeira, e por via do Funchal para a África Austral, cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência às 13 horas e para as registadas recebe-se até às 11 horas.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O Conde Monte Cristo

E' hoje que se inaugura a nova época teatral do populoso Teatro Apolo.

Representa-se a célebre peça do escritor Alexandre Dumas, «O Conde Monte Cristo», peça representada em toda a França, Brasil e Portugal, sempre com aplausos, devido ao «emovente» e bem urdido entrecho.

No teatro da Póvoa de Varzim realizou-se uma recita de homenagem a Lucinda e Lucília Simões inaugurando-se uma lápide comemorativa da passagem destas artistas.

Hoje em Vila do Conde há outra recita que lhes é dedicada.

RECLAMES

Esta noite realiza-se no Eden uma recita comemorativa do «raid» Lisboa-Guiné. No final do 1.º acto da revista-fantasia «A cidade onde a gente se aborrece», que é a peça que vai à cena, e estando no palco toda a companhia, a actriz Alice Ogando recitará uma «Saúdação», expressamente escrita pelo autor André Brun.

A RENOVAÇÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

DESPORTOS

AUTOMOBILISMO

O II Quilómetro lançado — Uma nova categoria para carros de bombeiros

Já está em algumas dezenas o número de inscritos para a grande prova de velocidade que se realiza no próximo domingo na avenida da Boavista, no Pórtó.

Os organizadores, com o fim de estimular o espírito desportivo entre as corporações de Bombeiros Municipais e Voluntários, resolveram criar uma nova categoria para carros de serviço de incêndios, instituindo para isso uma taça.

As inscrições para esta categoria encerram-se amanhã.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2550.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

IMPRENSA

«Os Sportsinhos»

Foi ontem pôsto à venda o segundo número deste novo jornal para crianças. Os Sportsinhos insere colaboração variada com ilustrações de Stuart Carvalhais.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores do país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, religiosa e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

AGREMIACÕES VARIAS

Grémio dos Funcionários do Município. — Reúne em assembleia geral na próxima quarta-feira, 2 de Setembro, às 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Relatório e contas da gerência de 1924 e organização de serviços de 1925.

EDEN TEATRO

Telef. N. 3800

HOJE — RECITA DE HOMENAGEM

aos heróicos aviadores do

«Raid» Lisboa-Guiné

que honram o espectáculo com a sua presença, assim como os representantes de todas as unidades da Aviação Militar.

No final do 1.º acto, com toda a companhia em cena, Alice Ogando recitará a

Saúdação

de André Brun, constituindo o espectáculo a deslumbrantíssima fantasia

A CIDADE ONDE

A GENTE SE ABORRECE

A «Batalha» na provincia e arredores

Leixões

Os pobres recursos dos jornalistas do «Monitor»

LEIXÕES, 26. — No último domingo, informando, em «manchete» produzida «a mais viva indignação na nossa vila a correspondência de Matosinhos para o jornal bolchevista, na qual se faz a apreciação mais falsa e injusta dos nossos bombeiros». Bota ainda o mesmo jornalco artigo armando ao efeito a declarar a sua mais afectuosa consideração pelos bombeiros que, segundo o articulista, devem estar maguados pelas nossas palavras na Batalha de 16 do corrente.

Antes de mais dizer cumprimentos aos ilustres fidalgos do Monitor que não sejam tão parvos que julguem que os seus desejos de nos malquistar com os Voluntários não ressaltam evidentes da forma jesuítica como arrazoam. Baldado esforço, porém. Contamos muitos amigos a dentro daquela corporação e bem sabemos que a afectuosa consideração dos diversos titulares que pontificam no Monitor é uma «blague» que não cola nem pelo diabo. Considerar bombeiros que além de o serem, são também homens do mar e operários no geral, seja tão ridículo para criaturas tão altamente colocadas que certamente S. M. não consentiria em tal... Sim, porque estes senhores tudo o que fazem é por ordem de S. M. El-Rei...

Mas... gostam de reinar aos jornalistas e daí as pêsas que nos obrigados a impingir para encher o seu importante papelão.

O que nós escrevemos em 16, não tem desmentido possível. E' ou não verdade ter o Senhor Comandante conseguido que os voluntários do Pórtó nunca venham aqui sem prévio pedido daquele senhor? Pode uma população de 40.000 habitantes, estar à mercê de um asno desta força, que para brilhar sózinho com a sua corporação nos põe em riscos de vermos ir pelos ares a vila em pó?

E' a corporação dos voluntários digna da maior estima por parte do povo desta vila. Todos a consideram! Mas isso não impede que se digam do Senhor Comandante as verdades que todos conhecem e que só a Batalha, cumpriu o dever de agitar porque nunca receia atacar o mal, esteja ele onde estiver. — C.

Bombarral

Um incêndio. — A falta duma estação de socorros

BOMBARRAL, 25. — No decorrer da madrugada de domingo para segunda-feira manifestou-se um violento incêndio nos armazéns da União Commercial desta vila o qual, em poucos momentos, tomou proporções assustadoras, ameaçando todos os prédios contíguos.

Devido aos esforços de umas dúzias de pessoas que corajosamente se lançaram ao ataque do referido fogo, foi este, senão localizado, atalhado em parte.

Mais tarde compareceram os bombeiros voluntários de Caldas da Rainha e Torres Vedras com o respectivo material, extinguindo em pouco tempo o incêndio.

E' para lamentar que o Bombarral, que se presa de ser uma das vilas mais importantes do distrito, ainda não consegue, sequer, a compra de uma pequena bomba para incêndios.

Aqui perto numa pequena vila — o Cadaval — há material de bombeiros, o qual também compareceu. — E.

Santarém

Barracão destruído por um incêndio. — A falta de água

SANTARÉM, 27. — A's duas da manhã manifestou-se um incêndio num dos barracões da cerca do edifício do Seminário, onde está em construção um grande prédio destinado a um ateneu. O fogo devorou rapidamente um barracão que servia de escritório do engenheiro que ali presta serviço. A muita gente que assistiu aos impenhos das chamas presenciou, mais uma vez e indignadamente, o desleixo camarário, pois só quando mais nada havia que queimar no incêndio apareceram a água. E' uma cidade destinada a arder pela incuria e pelo desleixo. — C.

Sintra

Bombeiros voluntários

SINTRA, 27. — Realizaram-se, de 18 a 24 do corrente, festas a favor do coife desta corporação que tem prestado bons serviços ao concelho. — C.

Correio dos presos

Alfredo dos Santos, maquinista das traineiras de Setúbal. — Amadeu Catramil pede-lhe que vá à cadeia do Limoeiro, Grupo B.

Horário dos comboios

Rápidos entre Lisboa e Pórtó

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses comunica que, a partir de 30 do corrente e até aviso em contrário, passam também a efectuar-se aos domingos os comboios rápidos n.ºs 55 e 52 que circulam entre Lisboa e Pórtó, donde partem respectivamente às 18-10 e 8-06 e cujas marcas estão anunciadas no cartaz horário D. 171.

TIVOLI

TEL. N. 3471

AS 8 3/4

A HERANÇA DO MIUDINHO

Realização do romance de Dickens

«OLIVER TWIST»

interpretado por Jackie Coogan

PENCUDO CHUCHA CALADO

Ciné targa com Larry Semon

RAMBOIA POLICIA

com o célebre chimpanzé Little Nap

UM FILM DE SPORT

UM DOCUMENTÁRIO

MARCO POSTAL

Sobreira Formosa. — José Ribeiro da Cruz. — Ofício que lhe enviámos foi devolvido. Queira enviar-nos seu primeiro noticiário para lhe remettermos cartão de correspondente. Convmem que nos envie também o seu endereço certo.

Póvoa de Varzim. — E. Correia. — Recebemos e agradecemos os novos assinantes para a Renovação. Vão os exemplares pedidos.

Vila Nova da Baronia. — Ermelindo da Conceição Carvalho. — Recebemos 33\$50. A sua assinatura ficou paga até 18 de Julho p. p. Para pagar o restante mês de Julho é preciso mais \$400. O débito de José Ramiro Mira, ficou liquidado.

Póvoa de Varzim. — E. Correia. — Recebemos liquidação de Julho.

Riampo (Espanha). — A. P. F. — Assinatura fica paga até 7 de Junho.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.	19.	20.	21.	22.	23.	24.	25.	26.	27.	28.	29.	30.	31.

MARES DE HOJE

Prámar às 9,03 e às 9,45

Baixamar às 1,57 e às 2,33

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$25	96\$50
Madrid cheque	2\$87	
Paris, cheque	\$93	
Suiza, cheque	3\$87	
Bruxelas cheque	\$90	
New-York, cheque	19\$95	
Amsterdão, cheque	\$804	
Háia, cheque	\$75	
Brasil, cheque	2\$46	
Praga, cheque	\$59	
Suécia, cheque	\$536	
Austria, cheque	2\$81	
Berlim, cheque	4\$76	

ESPECTACULOS

TEATROS

São João. — A 21.ª. — Camponês feminino de 11.ª. Variedades.

Politeama. — A 21.ª. — O Leão da Estrela.

Teatro. — A 21.ª. — O Conde de Monte Cristo.

Teatro. — A 21.ª. — A cidade onde a gente se aborrece.

Teatro. — A 21.ª. — Concerto pelo teatro Lapaletre.

Teatro. — A 21.ª. — Armês e A Glória.

Teatro. — A 21.ª. — Variedades.

Teatro. — A 21.ª. — Variedades.

Teatro. — A 21.ª. — Variedades.

Teatro. — A 21.ª. — Variedades.

CINEMAS

Olimpia. — Chado Terrace. — Salão Central. — Cinema

Condes. — Salão Ideal. — Salão Lisboa. — Sociedade Pro

Teatro. — Chantecler. — Tróvão. — Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras, tubos, molas, chaminés de 2 a 10 peças, lampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 170 e 172.

Dirigidos por Francisco Pereira Lapaletre, a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS NACIONAIS

So a grande falta de propaganda tem dado lugar a que não haja quem consuma em Portugal as limas estrangeiras, visto que as limas, marca "Touro", da Empresa Nacional de Limas, são as melhores do mundo. Um milhão, 2500. Por quilo, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA e PORTUGAL, tubo largo, boa qualidade, 1000. Tubos fechados e abertos, lampões, bicos, molas, rodas e molas. Pedras no único representante em Portugal, E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andrade, 46, 2.ª. — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, as melhores do mundo. Um milhão, 2500. Por quilo, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA e PORTUGAL, tubo largo, boa qualidade, 1000. Tubos fechados e abertos, lampões, bicos, molas, rodas e molas. Pedras no único representante em Portugal, E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andrade, 46, 2.ª. — LISBOA.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

28-8-1923

OS MISTÉRIOS DO POVO

aparece João Quatro-Soldos, e o homem do capuz torrado diz-lhe: Está pronto? Sim, o meu cavalo está selado na estrebaria da estalagem dos Três Macacos. Eis a carta; faz toda a diligência para te dirigires ao acampamento do exército real, entregá-la a um senescal do Poitou. Porém deixar-me-hão sair da cidade? pergunta o mensageiro. Não temas nada; a porta de Santo António está esta noite guardada por homens nossos. Mestre Maillart deve estar com eles, e tu lhe dirás como palavras de passe: «Monteijo pelo rei e pelo duque», eles te deixarão passar, vamos, vai. Depois do que cada um deles foi para o seu lado. Sáio do nicho e siga então o mensageiro que pude ver à claridade da lua. Era um maganão alto e bem armado, mas eu queria apoderar-me da carta que ele levava. O que havia de eu fazer? Pensava nisto quando o vi entrar na taberna dos Três Macacos. Julguei que ia buscar o cavalo a estrebaria, mas nada...; o tal patusco era homem previdente, pediu de ceiar antes de se pôr a caminho, e sentou-se a mesa. Permitiu Baco que eu tenha bebido mais de um copo na tal taberna, conheço o taberneiro que é um digno homem do partido de Marcel, e escrevi então algumas palavras à divina Alison, que a deusa Venus...

—Nós sabemos isso, chega ao facto.

—Incerto com o sucesso dos meus desígnios, queria ao menos e o mais cedo possível fazer prevenir mestre Marcel que se tramava alguma coisa contra ele; o estalajadeiro encarregou-se de mandar o meu bilhete a estalagem de Alison, e bem depressa... abençoada seja a deusa Fortuna! vejo entrar o meu companheiro Nicolau em companhia de dois estudantes escoceses. Nada mais simples então do que o meu projecto: buscar uma questão ao tal João Quatro-Soldos, cair sobre ele, e apoderar-me da carta; fechei o maroto na adega dos Três Macacos, a fim de o impedir de ir levar a notícia ao partido de Maillart, foi obra de um momento. Tão depressa se combinou como o fiz. Aproximei-me da mesa e fiz-lhe uma pergunta,

MATERIAL ELÉCTRICO PARA RAIOS, MONTAGENS E REPARAÇÕES TELEFONES E CAMPAINHAS FORÇA MOTRIZ

LOPES & VALÉRIO, L. DA (ELECTRICITY) ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

Menstruação Aparece rapidamente tomando o FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

MADEIRAS Nacionais e estrangeiras, de cor, para marceneiros, serradas em todas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva Largo dos Ingiezinhas, 50 — LISBOA

Grande Liquidação de Lanifícios

Do antigo armazem de fazendas por atacado de FRANCISCO PEREIRA, L. DA, com o fim de dar lugar ao novo sortimento com que brevemente esta casa vai inaugurar na mesma sede,

Armazem Central de Lanifícios com Vendas directas ao público pelo preço das fábricas e ainda mais barato. Casemiras meia estação desde 15 escudos

Aproveitem esta esplêndida ocasião

Rua Arco Bandeira, 139, 1.º

Policlínica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98 Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Norcio — A 1.ª hora.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Viar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Fle e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 a 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Leitão — 4 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 4 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 4 horas.

Pele e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.

Canção e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Raios X — Dr. José de Pádua — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Mata Seções

Tem mais de 30 anos de bons resultados

Dão-se 50\$00 a quem provar que as Pilulas Mata Seções, para seções, febres e maleitas não fazem efeito. Vendem-se em caixas de 6, 12 e 24, pelo correio, a \$450, \$800 e 13\$50. — 38, Rua João Afonso, 42 — SANTAREM.

João M. R. Martins (Médico registado)

Vendem-se em todas as terras do país. Grandes descontos aos revendedores.

RENovação

Edição pela Secção Editorial de A BATALHA

Arte, literatura e actualidade

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de 13 com bons forros desde 159\$00

IMPREMISSÍVEIS INGLESES com tinto e tapiz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professoro	bowski, 1 volume de 38 páginas.	3\$00
Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch, 1 volume de 44 páginas	5\$00	
Aspazio	Contos humorísticos de Salom-Alehom, traduzidos por J. Muenik, 1 volume de páginas.	6\$00
Tragédia em 5 actos de Sventohovski traduzido pelo dr. Leono Zamenhof, 1 volume de 157 páginas.	8\$00	
La Avarulo	Historio de la Lingvo Esperanto	
Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas.	5\$00	
La Barbiro de Sevilha	Desde 1887 a 1900. Assunto sempre versado nos exames complementares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas.	6\$50
Comédia em 4 actos de Beaumarchais, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas.	4\$00	
Bildotabluj	Imenlago	
De Thora Goldschmidt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensável. 1 volume encadernado.	15\$00	
Chaves de Esperanto	Novela de Theodor Storm, tradução de Alfred Bader, 1 volume de 33 páginas.	3\$00
Pecunias, absolutamente portáteis, esplêndidas como auxiliar e para propaganda, contendo gramática e vocabulário.	5\$0	
Elektilaj Premioj	La Interrompita Kanto	
De Henri Heine, tradução de Friedrich Pillath, 1 volume de luxo	Pela Sino. Orszesko, tradução de Dr. Kabe. 1 vol. de 79 páginas.	3\$50
La Elementoj kaj la Vortfarado	Kaarte	
De Cefca, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.	Peça em 4 actos de Paul Spaak, tradução do Dr. Wyan der Bies, 1 volume de 111 páginas.	8\$00
Esperanto et Croix-Rouge	Kanto de Triunfanta Amo	
De Bayal, Em francês e Esperanto, com a terminologia militar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.	Por Ivan Turgenjev, tradução de Dr. Andree Fiser, 1 volume de 32 páginas.	2\$00
Enciklopedio Vortaro Esperanta	Kurlo de Toroj	
De Veras, com explicações em Esperanto e tradução em francês, volume de 284 páginas.	Original de A. Carles, 1 volume de 50 páginas.	3\$50
Esperantaj Poemoj	Kurso Tiumonda la Metodo Natura	
De C. Chr. Drogendijk.	Original de Emile Gasse, 1 vol. de 57 páginas.	2\$50
Esperantaj Prozaĵoj	La Kvar Evangelioj	
De diversos autores, 1 volume de 246 páginas.	Reinvidos num conto pelo padre Laisny, 1 volume de 196 páginas.	8\$00
Fantomo en Zulo	Kvin Noveloj	
De Koloman Mikszath, tradução de Eugenio Forster.	De L. E. Meyer, tradução de diversos, 1 volume encadernado.	5\$00
Fatala Suldo	Lupo, Hundoj kaj Homoj	
De Leonel Dalsace, obra teosófica traduzida por E. F. Cense, 1 volume de 318 páginas.	Novela de Adolph Dygasinski, tradução de Br. Kuhl, 1 volume encadernado.	2\$50
Franklin Suzano	La Rego de la Montoj	
Novela por Avejenko, tradução de P. Medem, 1 volume.	Romance de Ed. About, traduzido por Gaston Moch, com lindas ilustrações de Gustavo Doré, 1 volume de 248 páginas.	12\$00
Frenez	La Revizero	
Dois dramazinhos em 1 acto, originaes de F. Pujula-Vallès, 1 volume de 49 páginas.	Comédia em 5 actos de N. V. Gogol, 1 volume de 100 páginas.	8\$00
Fundamenta Krestomatio	La Rompantoj	
Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir, 1 volume de 460 páginas.	Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto, 1 volume de 44 páginas.	4\$00
La Fundo de la Mizer	La Rabistoj	
De Vaclav Sierosovski, tradução do dr. Kabe, 1 volume de 88 páginas.	Drama em 5 actos de Schiller, 1 volume de 144 páginas.	10\$00
George Dandin	Matematika Terminaro	
Comédia em três actos de Molière, engraçadíssima, 1 volume de 52 páginas.	Por Bricat, 1 volume de 60 páginas.	5\$00
Haika	Misterio de Deloro	
Opera em 4 actos, texto de Wolski, tradução de Antoni Gra-	Drama de Airtá Gual, traduzido do catalão por F. Pujula-Vallès, 1 volume de 96 páginas.	3\$00

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância respectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registo.

Os preços de porte são os seguintes:

Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 5 quilos, \$50.

Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.

América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$350.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de ofícios

Considerações gerais. Pedras de construção, aviações, cal, arcas, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.	1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina.....	20\$00
Terraplenagens e alicerces		
Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, Drenagens. Descrição geral dos andaimes e esquadramentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.	1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina.....	13\$00
Trabalhos de Carpintaria Civil		
Descrição de ferramentas. Estudo de sarrabagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.	1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina.....	16\$00
Condutor de Máquinas		
Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.	1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina.....	20\$00
Fogoeiro		
Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras tubulares terrestres em arítmicas, de fornalha exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injectores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.	1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina.....	16\$00
Formador e estucador		
Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estafe e escaiola; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSEF FULLER.	1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina.....	12\$00
Fundidor		
Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas, Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos de piso etc., por HENRIQUE FRANCEN DA SILVEIRA.	1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina.....	13\$00
Piloteagem		
Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação ortodrómica. Cosmografia. Navegação astronómica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILHERME IVENS FERRAZ.	1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina.....	16\$00
Diversas indústrias		
Indústria alimentar		
Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, aleitrias, bolachas etc., por PEDRO PROSTES.	1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina.....	12\$00
Indústria do vidro		
Generalidades, olaria, potes, flutuadores; mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.	1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina.....	12\$00

Logo a mulher de Maillart, vindo esta noite aqui propor a senhora Margarida o meio de facilitar a vossa fuga...

—Estendia-me um laço, respondeu Marcel com desesperadora amargura. Confiava na fé do meu velho amigo, dirigia-me só a sua casa, e aprisionava-me aí com o fim de me entregar ao regente quando entrasse em Paris.

—Traição e cobardia! exclama o estudante indignado. Que monstro fêmea! e eu que acreditava nas suas lamentações hipocríticas quando foi o enterro de Perrin Macé.

—A inveja e o orgulho que a devoram perderam Maillart, disse o preboste dos mercadores. A vaidade desta louca impeliu seu marido para o mal, e para a mais hedionda baixaria. Este homem sem convicção e sem caracater, lembra na sua carta ao senescal, que em recompensa dos seus serviços, o regente lhe prometteu cartas de nobreza! Maillart mendigando a nobreza! ele!... que me repreendia sem cessar de não exterminar os do partido da corte que ainda estavam em Paris!... ele!... que não achava bastantes infâmias para dizer contra a nobreza!

—Miséria! exclamou Mahiet! e o vosso sangue, mestre Marcel, deve ser o preço do enobrecimento desse infame.

—Confesso-o, esta traição é me duplamente cruel, contudo até ao último momento repugnava-me acreditar na odiosa traição de Maillart, meu amigo da infância. Vamos, não há que hesitar, a reacção do partido da corte será impiedosa. A nossa única probabilidade de salvação está no apoio do rei de Navarra, e nas medidas implacáveis contra os nossos inimigos.

—Mestre Marcel, diz Mahiet ao preboste dos mercadores, e se Carlos o Mau não aparecer esta noite?

—Nesse caso, já to disse, monto a cavalo, e vou entregar ao regente a minha cabeça e a dos governadores...; o nosso sangue saciará a sede de vingança desse homem, e ele poupará Paris...

Um grande tumulto se fez ouvir na rua; e bem depressa os gritos de: «Viva Marcel! a bom fim! a bom fim! viva Marcel!» rebotaram e quasi em seguida Margarida entrou no gabinete de seu marido, dizendo-lhe:

—Simão Paonnier, Philippe Giffart, Cousac e outros amigos nossos, estão armados ali na rua, no meio de um grande número de teus partidistas feis, que te testemunham a sua dedicação dando êsses vivas. Os nossos amigos julgaram que era prudente virem-te buscar para te escoltarem no caminho daqui à casa da câmara.

—Adeus, Margarida, cára e bem amada mulher! replicou Marcel com certa emoção, pensando que talvez pela última vez apertava nos braços a companheira dedicada de toda a sua vida, adeus! repetiu abraçando sua mulher com ternura, — adeus! até à vista!...

—Meu amigo, êstes gritos que aclamam o teu nome com entusiasmo socegam-me...; os nossos amigos vigiam por ti!

—Nada temas; vê-te-hei amanhã... Adeus! replicou Marcel, que, a-pesar-da sua coragem, sentia partir-se-lhe o coração no momento deste apartamento que podia ser eterno.

Depois de ter abraçado de novo Margarida, desceu para a rua; muitos oficiais municipais o esperavam no meio da multidão dos seus partidistas, de quem as aclamações simpáticas redobram quando o viram. A desanimação tinha ganho a maioria do povo, porém o preboste dos mercadores podia ainda contar com corações intrépidos e dedicados.

Amigos, diz Marcel em alta voz, não marchemos para a casa da câmara, porém para a porta de Santo António. No caminho vos direi as minhas resoluções.

Estas palavras foram ouvidas por um dos três homens, que, durante a noite, não haviam deixado as proximidades da casa do preboste dos mercadores. Este espião disse aos seus companheiros:

A BATALHA

O exército não é senão um conjunto de assassinos disciplinados. A sua instrução provém da escola do crime e as suas vitórias são massacres.

HIGIENE INDUSTRIAL

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

Pelo que toca às matérias primas, todos sabem que pelas poeiras que produzem, ou pelos venenos que as compõem, atacam o organismo humano, danificando-o dia a dia por um processo lento, mas inquebrantável. Existem hoje aparelhos e dispositivos que eliminam as desvantagens apontadas. Precisamos conhecê-los para reivindicar a sua instalação em todas as oficinas e fábricas, onde se torne necessário.

Os industriais tendem e quasi só cuidam, entre nós, em instalar-se nas condições mais favoráveis de preço, desprezando os efeitos sobre a nossa saúde resultantes das instalações deficientes. Na defesa da nossa vida devemos combater essa tendência, obrigando-os ao respeito da vida humana.

Da nossa acção consciente pode resultar, pois, a redução, pelo menos, de grande número de perigos derivados das ferramentas e máquinas imperfeitas, da utilização, sem as cautelas devidas, das matérias primas. Torna-se necessário, por isso, não abandonar ao acaso este aspecto da questão.

Da nossa indiferença, com efeito, provêm diários ataques à nossa saúde, à nossa vida que podem e devem ser anulados e removidos.

Finalmente, devemos considerar ainda os perigos resultantes das más condições dos locais de trabalho. A iluminação, a ventilação e o acoio das oficinas, das fábricas e dos ateliês, são factores essenciais. Mais de um terço da nossa vida consome-se nestes sítios. Se eles não tiverem a luz necessária, o ar conveniente e o acoio indispensável nós o pagaremos com a vida diariamente. Precisamos, por tal motivo, de conhecer os tipos de construções oficiais e fabris mais adaptados às necessidades da vida humana e de impôr a sua adopção. E a nossa vida que está em jogo. Se nós dela nos desinteressarmos, como poderemos os outros dispensar-lhe os cuidados que lhe não consagramos?

Esta rápida exposição da natureza dos perigos que afectam a vida dos trabalhadores põe bem em evidência que a defesa da nossa saúde, só pode ser eficaz, quando for um motivo de acção directa. Esta asserção é sobretudo verdadeira no nosso país. Realmente, apesar de tudo, o Estado em todo o mundo cultiva um tipo de organização de um certo número de organismos destinados especialmente à defesa da saúde dos trabalhadores. Em alguns laboratórios oficiais, na Inglaterra, na Alemanha, na América e na França estabeleceu-se e propaga-se os melhores tipos de ração alimentar do trabalhador, a melhor forma das ferramentas, os melhores métodos profissionais. Por intermédio de vários meios de publicidade e de uma rede cada vez maior de escolas técnicas de todos

os graus as verdades averiguadas, as regras mais perfeitas vão sendo transportadas para a prática, generalizando-se a sua aplicação.

Por outro lado, uma crescente legislação sobre higiene e sanidade de trabalho impõe a adopção dos preceitos de instalação industrial mais convenientes. Um corpo especializado—o inspectorado do trabalho—vigia pelo seu cumprimento.

Não há hoje país civilizado, onde esse organismo não exista. Nuns, como a Inglaterra, fiscaliza e orienta; noutros, como a Alemanha, fiscaliza os operários. Nalguns, em vez de ser somente um corpo de funcionários, associa os próprios operários.

Entre nós o Estado não possui laboratórios orientadores da higiene, da fisiologia e da sanidade do trabalho. A legislação respectiva quer sanitária, quer referente à duração do trabalho de adultos, mulheres e menores pode considerar-se letra morta, porque o organismo de execução—o inspectorado do trabalho—não tem nem a composição, nem a eficácia necessárias.

Sobre os trabalhadores, que são os directamente interessados, cai, por isso, a necessidade de agir nesta matéria. Mesmo que não estivesse já dentro da nossa orientação na luta a acção directa, a força das circunstâncias compeli-nos a adoptar esse método de acção neste particular e isso teremos que fazer desde já se não quisermos ser cúmplices do assassinato lento a que estamos sujeitos.

De resto, mesmo nos países onde a legislação se cumpre e os organismos científicos são eficazes, os organismos sindicais tendem a não deixar apenas ao cuidado alheio a defesa da própria vida. Certos sindicatos operários como o dos tipógrafos e costureiras da América do Norte criaram e mantêm organismos perfeitos de directa defesa da saúde.

Mas, esta indispensável e urgente necessidade da acção directa em matéria de defesa da saúde, esbarra no nosso meio com enormes dificuldades. A criminoso impreparação em que têm mantido os operários, pela ausência dos órgãos educativos necessários, torna-os escravos de hábitos malfélicos e inconscientes dos perigos que quotidianamente dizimam as nossas fileiras e não poucas vezes concorrem para o enfraquecimento dos nossos organismos. Na classe médica raros se têm preocupado com esta situação gravíssima e os poucos que o têm feito vivem longe de nós, quasi divorciados da nossa acção.

E, no entanto, nem podemos dispensar a sua cooperação de médicos especializados, nem conservar a indiferença nefasta, suicida que a este respeito temos mantido.

Nesta ordem de ideias, atendendo à transição criada na nossa organização por organismos de consulta e orientação técnica, como o Conselho Jurídico e o Secretariado para a Educação proposto na tese que se ocupa daquele não menos importante problema, devemos procurar a criação de um Conselho de Salubridade Profissional que oriente superior e cientificamente a acção a desenvolver.

Em conexão com esse Conselho devem actuar os órgãos locais de informação e aplicação que sejam necessários, ou sejam as delegações de oficinas e os «comités» de fábrica.

As dificuldades notadas não devem entulhar o nosso esforço neste sentido, porque da nossa vida se trata, porque da conquista da saúde depende a libertação da energia necessária à satisfação das nossas necessidades e à realização do nosso ideal emancipador.

CONCLUSÕES

A defesa e a conservação da saúde dos trabalhadores, sendo uma necessidade individual e um dever social que se impõe, deverá ser tomado na máxima consideração por toda a organização sindicalista portuguesa com o fim de em tudo contribuir para a cessação das causas que determinam as doenças que enfraquecem e dizimam a família operária.

A passividade do proletariado em relação à vigência de maus processos e locais de trabalho e que equivale à sua cumplicidade numa espécie de assassinato lento das multidões trabalhadoras, deve dar lugar a uma acção enérgica e perseverante, orientada pelos organismos sindicais profissionais ou de indústria, no sentido de obter do patronato o respeito pela defesa da saúde daqueles que têm contribuído para o seu enriquecimento.

O Congresso delibera mais:

a) Que na C. G. T. seja organizado um Conselho Técnico de Salubridade Profissional, que funcionará junto da Secção de Federações, ao qual incumba a orientação científica superior na acção a desenvolver em relação às diferentes indústrias na defesa da saúde dos trabalhadores;

b) Que os sindicatos procedam a investigações sobre as condições de higiene nos locais de trabalho, por meio dos órgãos sub-múltiplos sindicais, afim de, por sua vez, informarem as respectivas Federações e estas o Conselho Técnico de Salubridade Profissional da C. G. T. para os efeitos duma regular e permanente colaboração com aquele organismo;

c) Que aquela colaboração tenha um carácter quotidiano activo sobretudo na implantação das regras científicas de trabalho ou seja dos processos de defesa dos trabalhadores onde quer que exerçam a sua actividade profissional.

IV

A C. G. T., depois de estudar convenientemente tudo o que diz respeito à instalação e mais meios materiais de vida do Conselho Técnico de Salubridade Profissional, enviara aos sindicatos confederados uma circular elucidativa das despesas que poderia comportar a existência daquele organismo, convidando-os, outrossim, a contribuir com a necessária cota suplementar destinada à sua manutenção.

Manuel da Silva Campos, Carlos Maria Coelho, Lúcio Costa, Luís Gonzaga, Joaquim de Sousa, Manuel H. Rijo, Manuel Nunes, Manuel Joaquim de Sousa.

A crise de trabalho na Construção Civil

A acção do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa para a debelar

Só por manifesta má vontade e desleixo dos governos e da Câmara Municipal, se não tem resolvido entre nós este magno problema. E tanto assim é quanto é certo termos vindo reclamando dos poderes constituídos desde julho de 1924, há precisamente 14 meses, a abolição do imposto de registo na primeira venda das propriedades e consequentemente a obrigatoriedade dos proprietários construtores do recombo rápido das obras dos prédios em construção iniciada. E' verdade que apesar de nessa data se encontrarem já paralisadas as obras dos referidos prédios, ainda os operários da Construção Civil não lutavam com crise de trabalho em virtude das muitas transformações e reparações que se estavam fazendo em varios estabelecimentos da banca, casas bancárias, etc. Porém, nem por isso o Sindicato deixou de continuar reclamando o recombo das aludidas obras, porque já de antemão tínhamos previsto que terminadas os trabalhos que na baixa se estavam realizando, a crise seria imediatamente um facto e, neste caso, continuando as obras paralisadas o operariado da indústria não encontraria onde empregar a sua actividade profissional.

Assim sucedeu, porque a despeito de todo o nosso esforço junto dos governos e da Câmara Municipal não sentindo de evitar o mal que prevíamos, não conseguimos ser atendidos e as obras continuaram paralisadas. Chegámos a Fevereiro do corrente ano e o Sindicato, a pesar de tudo, continuava tratando da situação dos desocupados, tinha inseridos sem possuírem trabalho mil e setenta e nove operários. E' então que o Sindicato é forçado a promover determinada agitação entre o operariado sem colocação, e dias depois realiza um comício publico no qual são apreciadas várias reclamações a apresentar ao governo e a Câmara, tendentes a debelar a crise, reclamações que são já do domínio publico, pois foram publicadas em A Batalha e depois entregues a quem de direito.

Seguidamente à realização do nosso comício, e pelos industriais fornecedores de materiais de construção, que são simultaneamente os credores dos prédios em construção iniciada, promovido um outro comício onde estivemos presentes, e foi aprovada uma moção com cujas conclusões estivemos de acordo, as quais são as seguintes:

«Que todos os prédios iniciados sejam concluídos imediatamente, para que a indústria tenha laboração e os operários tenham colocação imediata.

Que os capitalistas que tenham hipotecas sobre prédios, não possam receber mais do que o juro da lei. Que se os capitalistas e proprietários não quiserem concluir os prédios, que sejam os mesmos entregues aos fornecedores de materiais, que por sua vez tomam o compromisso de os concluir delegando depois esses credores num só, para os representar na administração dos ditos prédios. Depois dos prédios concluídos, tomam os credores o compromisso de pagarem aos capitalistas o respectivo juro do seu capital.

Que depois dos credores terem recebido todos os seus créditos, tomam o compromisso de entregar os prédios aos respectivos anteriores proprietários. Os credores tomam também o compromisso de prestar contas, exactas da sua administração, aos primitivos proprietários. Os credores fazem ainda a sua administração gratuita.

Depois de decorridos seis meses da data da realização dos já aludidos comícios de onde saíram as reclamações que o nosso sindicato e os fornecedores de materiais fizeram chegar ao conhecimento das entidades oficiais, o que fez o governo para debelar de momento a crise de trabalho que vimos sofrendo?

Aboliu o imposto de registo na primeira venda de propriedades?

Habilitou os fornecedores de materiais que são já os credores desses prédios a tomarem a seu cargo a sua conclusão para os entregarem aos seus primitivos proprietários depois de terem recebido todos os seus créditos?

Não?

O que fez então?

Admitiu nas obras do Estado os mil e setenta e nove operários sem trabalho?

Limitou-se apenas a isto em virtude da

acção constante do Sindicato, a receber nas pequenas obras que tinha em laboração aproximadamente trescentos operários, deixando com os restantes se continuassem debatendo com os horrores da miséria. Mas se ao governo lhe não convém, ou não quer resolver a crise segundo o aspecto que operários e industriais lhes indicam, valendo-se para isso apenas das 179 obras que se encontram paralisadas na indústria particular, porque é então que não manda imediatamente recombar todas as obras que tem paralisadas, entre as quais se encontram o Liceu Feminino, Escola Normal de Benfica, Encomendas Postais, Maternidade, Instituto de Medicina Legal, Bairro Social do Arco do Cego, etc., dá um maior desenvolvimento às obras do novo Manicócio de Lisboa e Bairro Económico da Ajuda?

E' conveniente salientar que os prédios do Bairro Social do Arco do Cego e o Edifício Liceu Feminino se estão arruinando completamente, o que sem dúvida está ocasionando um grave prejuizo ao Estado. Desta forma, se verifica a não razão da existência da crise de trabalho na construção civil, pois que, de uma ou de outra conformidade, o governo pede e deve fazer terminar imediatamente o mal que está levando à maior das misérias centenas de produtores: De contrário, a continuarmos assistindo à incúria do governo ante tão dolorosa situação que o operariado da nossa indústria está atravessando, certamente uma ruína e natural manifestação de repulsa se irá verificar perante a sua inexplicável atitude, não sabendo nós as consequências que o desespero dos desocupados poderá atingir.

Senhores políticos, senhores da governação: Repara que a fome é inimiga da virtude, e que o operariado também tem direito a viver, não podendo nem devendo jamais continuar à mercê da vossa politica reles, de vaidades e ambições personalistas. Não. Não pode ser!

O momento por que passamos exige que vos convenças que tendes o indeclinável dever de atenderdes as nossas reclamações, resolvendo quanto antes a crise de trabalho na nossa indústria para que consequentemente desapareça a miséria que invadiu os nossos lares. De contrário não poderemos estranhar a atitude de rebeldia e justa indignação que de momento possa surgir de entre as vossas vítimas, pois suceda o que suceder, só a vós caberá inteira responsabilidade.

Alfredo LOPES

Secretário Geral do Sindicato da C. Civil

CONGRESSO CONFEDERAL

Comissão organizadora

Reúne hoje, às 20,30 horas.

A adesão do S. U. C. Civil de Guimarães

GUIMARÃES, 26.—Reúniu ontem em assembleia magna o S. U. da Construção Civil. Alves de Sá, do S. U. Têxtil do Porto, António Libânio, da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, João da Costa e outros falaram sobre a necessidade do sindicato dar a sua adesão ao Congresso Confederal, sendo aprovada por unanimidade uma moção nesse sentido e nomeando-se delegado António Silva.—E.

Federação do Mobiliário

Na última sessão do Conselho Federal, apreciou-se um ofício do Sindicato do Porto sobre a realização da Conferência Mobiliária em Santarém, durante ou após o Congresso Confederal. Sobre o assunto foi aprovada uma moção aceitando a ideia e resolvendo oficiar aos organismos aderentes a fim de se pronunciarem sobre o assunto com a devida urgência.

Resolveu aderir ao Congresso Confederal nomeando seu delegado José Martins Grilo, resolvendo ainda apresentar ao mesmo um documento sobre o trabalho nas prisões.

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Sindicato de Gaia.—Segue expediente. Recebemos vale 100\$20

SOLIDARIEDADE

Pró-José Pires de Matos

Em Castelo Branco criou-se uma sub-comissão afim de procurar conseguir que José Pires de Matos, dedicado militante que pela organização e pelas ideias avançadas arruina a sua saúde possa obter os meios necessários à sua cura.

Essa sub-comissão recebeu já os seguintes donativos:

Corticeiros da fábrica M. J. Eusébio (C. Branco), 14\$50; corticeiros da fábrica J. L. Burgos (C. Branco), 51\$80; grupo Luz e Liberdade, 10\$00; Faustino Bretes (T. Novas), 2\$50; Associação Corticeiros de Almada, 2\$50; António Gomes (Fundão), 3\$00; José Francisco Monteiro (Serpa), 10\$00; Bernardino G. Janeiro (Serpa), 10\$00; Federação Corticeira, 2\$50; quete tirada entre os corticeiros de Alhandra por J. Silvestre Moita, 24\$50. Total: 176\$30.

Realiza-se no dia 31 do corrente a festa de auxílio à mãe de Manuel Ramos, promovida pela secção profissional dos pedreiros. Todos os que queiram bilhetes devam requisitá-los a esta secção ou ao contínuo.

Pró José da Silva Costa

Conforme já temos tornado publico em A Batalha, encontra-se gravemente enfermo o nosso camarada José da Silva Costa, activo militante da Juventude Sindicalista e da organização sindical.

Em virtude da gravidade do seu estado que, segundo a afirmação duma entidade médica, especializada na sua doença, exigia a sua imediata saída de Lisboa, viu-se esta comissão forçada a contraír um empréstimo que lhe permitisse atender a essa imprescindível necessidade e às despesas futuras respeitantes à sua estadia na provincia.

Agora, não só para atendermos ao pagamento desse empréstimo, como ainda para atendermos às despesas que estão tendo lugar com o tratamento daquele camarada e porque o produto que se obtém com listas de subscrição voluntária não nos permite dispensar este meio, vimos-nos forçados a promover a realização duma festa cujo produto venha ao encontro das necessidades a que esta comissão tem de atender.

A festa terá lugar impreterivelmente em 30 do corrente mês, encontrando-se bilhetes à venda na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todas as noites das 20 às 23 horas. Estamos certos que todos os camaradas adquirirão bilhetes, auxiliando assim um camarada, desde que se lembrem que a sua vida depende da solidariedade que lhe for dispensada.

O programa da festa consta do seguinte: 1.ª parte—Representação do emocionante drama social em 1 acto «Bandidos», desempenhado por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

2.ª parte—Ilusionismo e prestidigitação, por M. Lingg, ilusionista moderno e parodista.

3.ª parte—Representação da fina comédia em 1 acto «A Teima», desempenhada por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

4.ª parte—Fados por oito dos melhores cultores.

A festa é abrilhantada pela troupe de bandolinistas «Os malcriados».

Renovação

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1,50

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Parceria das Vapores Lishonenses

Das oficinas metalúrgicas desta empresa foram ontem despedidos, sob o pretexto de falta de trabalho, 30 serralheiros.

Consta que amanhã se dará o despedimento, sob a mesma alegação, de mais uma boa parte do pessoal.

Como não é a falta de trabalho que motiva esses despedimentos, embora seja essa a razão invocada, é de supor que haja o intuito de promover a baixa de salários naquelas oficinas, admitindo para o lugar dos despedidos novo pessoal por salários menores, o que, parece-nos, já vem acontecendo com operários recentemente admitidos por aquela empresa.

Não devem pois os metalúrgicos prestar-se a auxiliar a baixa de salários, se nas oficinas da Parceria há o intuito de manobrar nesse sentido.

A Câmara Municipal de Sintra e as limpezas de prédios

SINTRA, 26.—Há já bastante tempo que S. U. C. Civil vem reclamando da Câmara Municipal o cumprimento da lei que obriga os proprietários a fazerem as limpezas aos prédios.

A câmara limitou-se a mandar afixar um edital, há uns cinco meses, segundo o qual seriam multados em 10\$00 os que o não cumprissem.

E' claro que com tão «pesada» multa nenhum se incomodou, continuando os prédios por limpar, incluindo o do presidente da câmara.

Entretanto continuam os operários da construção civil a lutar com uma grande falta de trabalho, que poderia ser atenuada, se os senhores vereadores tivessem mais um pouco de consideração pelos que trabalham.—C.

S. U. C. Civil de Sintra

Os operários da construção civil sem trabalho são convidados a inscreverem-se na sede do sindicato, em São Pedro, todos os dias das 20 às 22 horas.

Os corticeiros de Massines não aceitarão qualquer baixa de salário

MESSINES, 26. A classe corticeira desta localidade, reunida para a apreciar a circular da Federação sobre a pretendida baixa de salários proposta pela Associação Industrial (Secção de cortiça), resolveu por unanimidade não aceitar essa ou qualquer outra baixa de salários sem que o custo da vida de margem a tal aceitação.

Outrossim foi resolvido apoiar qualquer movimento de resistência que a Federação por ventura julgue oportuno levar a efeito.—C.

Corticeiros de Lisboa

Reúniu a classe para apreciar a baixa pretendida pelos industriais, que foi indignamente repelida, resolvendo-se dar todo o apoio à Federação e seguir as suas indicações, e publicar um manifesto para distribuir à classe.

HORARIO DE TRABALHO

Nas obras do Casino de Sintra

SINTRA, 26.—Referimos já o despedimento de 100 operários nas obras do casino.

Mais 13 foram despedidos por não quererem trabalhar 10 horas.

A-apesar de isso ainda há carpinteiros que estão inconscientemente trabalhando as dez horas, traindo assim uma regalia operária e prejudicando os seus camaradas que a não querem traír.—C.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Cede o Suolemento de «A Batalha»

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª, discussão da tese sobre câmaras e juntas sindicais a apresentar ao próximo congresso confederal; 2.ª, nomeação de delegados ao referido congresso; 3.ª, preenchimento de cargos vagos.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária — Conselho Federal. — Reúniu ontem sendo apreciado o vário expediente que constava de ofícios de Guimarães, Porto e Delegação Federal, que foram tomados na devida consideração. Apreciou-se um relatório da comissão administrativa sobre o trabalho realizado junto dos ministros da Justiça e Trabalho acerca do trabalho dos cesteiros nas prisões e greve dos mobiliários de Guimarães por 8 horas de trabalho, o qual foi aprovado, resolvendo-se continuar tratando dos assuntos referidos, o primeiro em contacto com os sindicatos de Gonçalo e Coimbra e o segundo com o de Guimarães.

Aprovou-se também um parecer sobre a crise de trabalho na especialidade de cesteiro em todo o país, ficando a comissão administrativa incumbida de tratar do assunto.

Comissão administrativa. — Reúniu ontem dando despacho ao vário expediente. Oficiou aos sindicatos aderentes dando-lhes conta das resoluções do conselho federal acerca da realização da conferência mobiliária, sendo conveniente que os organismos referidos respondam com a máxima brevidade.

Federação Metalúrgica em Portugal — Conselho Federal. — Reúniu ontem com a presença dos organismos de Lisboa, Coimbra, Almada, Portimão, Vieira de Leiria, Abrantes, Faro, Évora, Olhão e Covilhã.

Foram nomeados delegados ao congresso confederal Joaquim de Sousa, Francisco Viana e Artur Cardoso. Como se levantasse discussão sobre a representação da mesma federação ao congresso, foi resolvido convocar o conselho para terça-feira próxima.

Chapeleiros. — Para continuação dos trabalhos suspensos, reuniu a assembleia deste sindicato.

Apreciou detalhadamente a circular da C. G. T. sobre o congresso confederal, resolvendo dar a devida consideração.

PAGINAS ALHEIAS

O CACIQUE ELEITORAL

Em vésperas de eleições desenvolvem-se dramas e comédias, exercem-se pressões e liberdades, cometem-se tiranias, faz-se da consciência um frangalho e da dignidade uma palavra vã, só com o préstimo de fludir, de enganar, nunca com o valimento de traduzir uma verdade.

Fazer render uma criatura porque ela depende de nós, compeli-la a vender-se roubando-lhe o cobardemente, clinicamente, o pão, dando-lhe a perspectiva amarelada, sinistra, trágica da suprema miséria e do máximo infortúnio, é manifestar, irregravelmente a maior impureza de sentimentos, a mais execranda repulsa dum carácter indigno, enlameado na hedionda podridão de acções sistematicamente corrompidas, repulsivas, dissolutas.

O povo sofre com infinita angustia os horrores vexatórios e degradantes duma ignominiosa escravidão. Sofre, porque ignora a sua força. Tem medo porque se não unifica numa solidariedade sólida, consistente, indestrutível. Não se revolta para afastar o jugo que o oprime, o grilhão que o escraviza, o preconceito de raças que o afronta, antesquilha e ultraja, porque não confia na força suprema que se condensa em si. E' pusillânime, é ignorante, é sofredor. Trabalha, moureja, sacrifica-se, afadiga-se, extenua-se, sofre, martiriza-se, numa inconsciência louca para manter as regalias, as ostentações deslumbrantes, os espaventos faustos doutras pessoas que o olham sobranceiramente, com desdém e superioridade, revestidas muitas vezes dum orgulho que nenhum título de glória encerra, dum predomínio oressor nenhuma razão justificifica...

solvendo dar a adesão ao congresso, nomeando seu delegado Manuel Marques.

Discutida a possibilidade do envio do delegado, em vista dos numerosos encargos que o sindicato tem tido ultimamente, foi resolvido estabelecer uma cotização especial para custear essas despesas.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

S. U. C. Civil — Secção da Charneca. — Assembleia geral, às 21 horas.

Federação da Construção Civil. — Comissão administrativa, às 21 horas.

Cerâmicos. — Assembleia magna, às 20 horas, para nomeação de cobrador, regulamentação de cobrança e outros assuntos, na secção de Palma.

Manipuladores de Pão. — As comissões administrativa e de melhoramentos, às 15 horas.

S. C. Civil de Sintra. — Pelas 19,30 horas, a comissão administrativa para um assunto urgente. Pede-se a comparencia do cobrador da Estefânia.

Pintores de Construção Naval. — As comissões revisora de contas e administrativa para tratar da revisão de contas e do parecer.

Federação Vinícola. — O conselho federal, pelas 19 horas, conjuntamente com a comissão administrativa.

S. U. Mobiliário. — A comissão administrativa, às 21 horas.

— São convidados os cobradores ao domicílio a virem entregar a cobrança durante esta semana.

Pessoal de Câmaras. — A assembleia geral, pelas 19 horas, para nomear delegado ao congresso confederal e outros assuntos.

Limpezas e Pintura de Navios. — A comissão administrativa, às 20 horas.

DIAS PRÓXIMOS

Compositores Tipográficos. — Reúne a assembleia geral no próximo domingo, às 14 horas, para apreciar as teses que vão ser presentes aos congressos confederal e grafico e nomear delegados a estes congressos.

S. U. Metalúrgico. — Reúniu a comissão administrativa que aprovou 27 novos sócios.

Resolveu convocar para a próxima quarta-feira, 2 do mês próximo, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª, nomeação do secretário geral; 2.ª, nomeação dos delegados ao congresso confederal; 3.ª, apreciação do inquérito a Lúcio Costa, 4.ª, assuntos diversos.

O despotismo não domina por amor: impõe-se por crueldade... O despotismo é o atrazo, o latrocinio, o vexame, a regressão, o atavismo, as trevas...

O cacique eleitoral, em vésperas de eleições, pedindo votos, contrariando vontades, sacrificando consciências, destruindo ideais, obliterando crenças, deturpando a verdade e desvirtuando sentimentos puros, é a personificação exacta da mentira, o pérfido executor da traição.

Esses políticos que por aí batem às portas, sem coração de vergonha, hediondos e repulsivos, não têm por objectivo, a felicidade redentora da humanidade inteira. Uma coisa os domina: é a reabilitação do seu prestígio abalado, debilmente assente num alicerce falso, só constituído de ganâncias infamantes, de falsidades desmedidas e de relaxações demolidoras.

Borges CARNEIRO.

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

—Escrever dum só lado do papel;

—Não fazer uso de tinta vermelha;

—Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;

—Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

—Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, às notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigillo de nomes.